

PRIMEIRAS TROVAS BURLESCAS DE GETULINO

Luís da Gama

.....
*Contudo se vir alguém
Que deles zombe, e de mim,
Defende-me, e dize assim:
Cada qual dá o que tem.
Faustino Xavier de Novais*

PRÓTASE

*Embora um vate canhoto
Dos loucos aumente a lista.
Seja cisne ou gafanhoto
Não encontra quem resista
Dos seus versos à leitura,
Que diverte, inda que é dura!
Faustino Xavier de Novais*

No meu cantinho,
Encolhidinho,
Mansinho e quedo,
Banindo o medo,

Do torpe mundo,
Tão furibundo,
Em fria prosa
Fastidiosa –
O que estou vendo
Vou descrevendo.
Se de um quadrado
Fizer um ovo
Nisso dou provas
De escritor novo.

Sobre as abas sentado do Parnaso,
Pois que subir não pude ao alto cume,
Qual pobre, de um Mosteiro à Portaria,
De trovas fabriquei este volume.

Vazios de saber, e de prosápia,
Não tratam de Ariosto ou Lamartine
Nem rescendem as doces ambrosias
De Lamires famoso ou Aretine¹.

São ritmos de tarelo, atropeladas,
Sem metro, sem cadência e sem bitola
Que formam no papel um ziguezague,
Como os passos de rengo manquitola.

Grosseiras produções d'inculta mente,
Em horas de pachorra construídas;
Mas filhas de um bestunto que não rende
Torpe lisonja às almas fementidas.

São folhas de adurente cansação,
Remédio para os parvos d'excelência;
Que aos arroubos cedendo da loucura,
Aspiram do *poleiro* alta eminência.

E podem colocar-se à retaguarda
Os veteranos sábios da influência;
Que o trovista respeita submisso,
Honra, pátria, virtude, inteligência.

Só corta com vontade nos malandros,
Que fazem da Nação seu Montepio;
No remisso empregado, *sacripante*,
No lorpa, no peralta, no vadio.

À frente parvalhões, heróis Quixotes,
Borrachudos Barões da traficância;
Quero ao templo levar do grão Sumano
Estas arcas pejudadas de ignorância.

LÁ VAI VERSO

*Quero também ser poeta,
Bem pouco, ou nada. me importa
Se a minha veia é discreta,
Se a via que sigo é torta.*
Faustino Xavier de Novais

Alta noite, sentindo o meu bestunto
Pejado, qual vulcão de flama ardente,
Leve pluma empunhei incontinente
O fio das idéias fui traçando.

As Ninfas invoquei para que vissem
Do meu estro voraz o ardimento;
E depois revoando ao firmamento,
Fossem do *Vate* o nome apregoando.

Oh! Musa de Guiné, cor de azeviche,
Estátua de granito denegrado,
Ante quem o Leão se põe rendido,
Despido do furor de atroz braveza;
Empresta-me o cabaço *d'urucungo*²,
Ensina-me a brandir tua *marimba*,
Inspira-me a ciência da *candimba*³,

As vias me conduz d'alta grandeza.

Quero a glória abater de antigos vates,
Do tempo dos heróis armipotentes;
Os Homeros, Camões – aurifulgentes
Decantando os *Barões* da minha Pátria!
Quero gravar em lúcidas colunas
O obscuro poder da parvoíce
E a fama levar de vil sandice
Às longínquas regiões da velha Bácia!

Quero que o mundo me encarando veja,
Um retumbante *Orfeu de carapinha*,
Que a Lira desprezando, por mesquinha,
Ao som decanta da Marimba augusta;
E, qual Arion entre os Delfins,
Os ávidos piratas embaindo –
As ferrenhas palhetas vai brandindo
Com estilo que preza a Líbia adusta.

Com sabeiça profusa irei cantando
Altos feitos da gente *luminosa*,
Que a trapaça movendo potentosa
A mente assombra, e pasma à natureza!
Espertos eleitores de *encomenda*,
Deputados, Ministros, Senadores,
Galfarros⁴ Diplomatas – chuchadores,
De quem reza a cartilha de esperteza.

Caducas Tartarugas – desfrutáveis,
Valharrões tabaquentes – sem juízo,
Irisórias- fidalgas – de *improviso*,
Finórios traficantes – *patriotas*;
Espertos maganões, *de mão ligeira*,
Emproados juizes de *trapaça*,
E outros que de honrados têm *fumaça*,
Mas que são refinados agiotas.

Nem eu próprio à festança escaparei;
Com foros de *Africano fidalgote*,
Montado num *Barão* com ar de zote –
Ao rufo do tambor, e dos zabumbas,
Ao som de mil aplausos retumbantes,
Entre os netos da Ginga, os meus parentes,
Pulando de prazer e de contentes –
Nas danças entrarei d'altas *caiumbas*⁵.

JUNTO À ESTÁTUA
(No Jardim Botânico de São Paulo)

*Já a saudosa Aurora destoucava
Os seus cabelos de ouro delicados,
E as boninas nos campos esmaltados
De cristalino orvalho borrifava
Camões – Sonetos*

Em plácida manhã serena e pura,
Sentado à borda de espaçoso lago;
O corpo recostado em frio marmor,
Tórridos membros sobre a terra quedos,
Qual tímido Tritão de amor vencido,
Transpondo as serras, iracundos mares,
D'Aurora o berço perscrutando ousado,
Dolorosos suspiros exalava
Meu frágil peito da natura escravo.
Já nas fúlgidas portas do Oriente⁶,
Trajando púrpura majestoso assoma⁷
Luzeiro ardente, que expandindo os raios,
Deslumbra os olhos, e a razão sucumbe;
E, com furtiva luz, pálidas fogem⁸
Notívagas esferas cintilantes.
As brandas auras perfumadas vinham
De grato aroma que invejara Meca,
Nos tortos ramos assoprar de manso.

Em nuvens brancas lá do céu caía
Pranto saudoso que derrama a Aurora,
Que a terra orvalha, que floreira os prados.

Volátil bando de ligeiras aves,
Brandindo as asas pelo ar brincavam,
Modulando canções, ternas endechas⁹.

Longe do mundo, das escravas turbas,
Que o ouro compra de aventos, Cresos¹⁰,
A minh'alma aos delírios se entregava,
A sombra de ilusões – de aéreos sonhos.

Formosa virgem de nevado colo,
De garços olhos, de cabelos louros;
Sanguíneos lábios, elegante porte,
Mimoso rosto de Ericina bela,
Curvando o seio de alabastro fino,
Mimosa imprime nos meus lábios negros
Gostoso beijo de volúpia ardente! –
Vencido de prazer, nadando em gozos,
Já temeroso pé movendo incerto,
Vôo com ela às regiões etéreas
Nas tênues asas de ternura infinda.

.....
Rasgando o véu das ilusões mentidas,
Que est' alma frágil seduzir puderam,
Imóvel terra, cambiantes flores,
Viram meus olhos no romper da Aurora;
E dentre os braços, que cerrados tinha,
Gelada estátua de grosseiro mármore!...

Cândidas boninas,
E purpúreas rosas,
Violetas roxas
Do luar saudosas!

Verdejantes murtas,
Redolentes cravos,
Lindas papoulas
Da donzela escravos,

Ao soprar da brisa,
Em balanço undoso,
O mortal encantam
Num sonhar gostoso.

Mas fugindo as nuvens
– Que a ilusão fulgura,
Só vagueia à sombra
Da infernal ventura.

SORTIMENTO DE GORRAS (Para gente de grande tom)

*Seja um sábio o fabricante,
Seja a fábrica mui rica,
Quem carapuças fabrica
Sofre um dissabor constante:
Obra pronta, voa errante,
Feita avulso, e sem medida;
Mas no vôo suspendida,
Por qualquer que lhe apareça,
Lá lhe fica na cabeça,
Té as orelhas metidas.*

Faustino Xavier de Novais

Se o grosseiro alveitar ou charlatão
Entre nós se proclama sabichão;
E, com *cartas* compradas na Alemanha,
Por anil nos impinge *ipecacuanha*¹¹;
Se mata, por honrar a Medicina,
Mais voraz do que uma ave de rapina;

E num dia, se errando na receita,
Pratica no mortal cura perfeita;
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois tudo no Brasil é raridade!

Se os *nobres* desta terra, empanturrados,
Em Guiné têm parentes enterrados;
E, cedendo à prosápia, ou duros vícios,
Esquecendo os negrinhos seus patrícios;
Se mulatos de cor esbranquiçada,
Já se julgam de origem refinada,
E curvos à mania que domina,
Desprezam a *vovó* que é preta-mina: –
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois tudo no Brasil é raridade!

Se o Governo do Império Brasileiro,
Faz coisas de espantar o mundo inteiro,
Transcendendo o Autor da geração,
O jumento transforma em *sor Barão*;
Se o estúpido matuto, apatetado,
Idolatra o papel de mascarado;
E fazendo-se o lorpa¹² deputado,
N'Assembléia vai dar seu – *apolhado*!
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois tudo no Brasil é raridade!

Se impera no Brasil o patronato,
Fazendo que o Camelo seja Gato,
Levando o seu domínio a ponto tal,
Que torna em sapiente o *animal*;
Se deslustram honrosos pergaminhos
Patetas que nem servem p'ra meirinhos
E que sendo formados Bacharéis,
Sabem menos do que pecos bedéis:
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se temos Deputados, Senadores,
Bons Ministros, e outros chuchadores;
Que se aferram às tetas da Nação
Com mais sanha que o Tigre, ou que o Leão;
Se já temos calçados – *mac-lama*¹³,
Novidade que esfalfa a voz da Fama,
Blasonando as gazetas – que há progresso,
Quando tudo caminho p'ro regresso:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se contamos vadios empregados,

Porque são de potências afillhados,
E sucumbe, à matroca, abandonado,
O homem de critério, que é honrado;
Se temos militares de trapaça,
Que da guerra jamais viram fumaça,
Mas que empolgam chistosos ordenados,
Que ao povo, sem sentir, são arrancados:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se faz oposição o Deputado,
Com discurso medonho, enfarruscado;
E pilhado a maminha da lambança,
Discrepa do papel, e faz mudança;
Se esperto capadócio ou maganão,
Alcança de um jornal a redação,
E com quanto não passe de um birbante,
Vai fisingando o metal aurissonante:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se a guarda que se diz – Nacional,
Também tem caixa-pia, ou musical,
E da qual dinheiro se evapora,
Como o – Mal – da boceta de Pandora;
Se depois por chamar nova pitança,
Se depois se conserva a – Esperança;
E nisto resmungando o cidadão
Lá vai ter ao calvário da prisão;
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se temos majestosas Faculdades,
Onde imperam egrégias potestades,
E, apesar das luzes dos mentores,
Os burregos também saem Doutores;
Se varões de preclara inteligência,
Animam a defender a decadência,
E a Pátria sepultando¹⁴ em vil desdouro,
Perjuram como Judas – só por ouro:
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

Se a Lei fundamental – *Constipação*,
Faz papel de falaz camaleão,
E surgindo no tempo de eleições,
Aos patetas ilude, aos toleirões;
Se luzidos Ministros, d'alta escolha,
Com jeito, também mascam *grossa rolha*;
E clamando que – são *independentes* –

Em segredo recebem bons presentes:
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

Se a Justiça, por ter olhos vendados,
É vendida, por certos Magistrados,
Que o pudor aferrando na gaveta,
Sustentam – que o Direito é pura peta;
E se os altos poderes sociais,
Toleram estas cenas imorais;
Se não mente o rifão, já mui sabido:
Ladrão que muito furta é protegido –
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

Se ardente campeão da liberdade,
Apregoa dos povos a igualdade,¹⁵
Libelos escrevendo formidáveis,
Com frases de peçonha impenetráveis;
Já do Céu perscrutando alta eminência
Abandona os troféus da inteligência;
Ao som d'aragem se curva, qual vilão,
O nome vende, a glória, a posição:
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

E se eu, que amigo sou da patuscada,
Pespego no Leitor esta maçada;
Que já sendo avezado ao sofrimento,
Bonachão se tem feito pachorrento;
Se por mais que me esforce contra o vício
Desmontar não consigo o artifício;
E quebrando a cabeça do Leitor
De um tarelo não passo, ou falador;
É que tudo que não cheira a pepineira
Logo tacham de maçante frioleira.

O VELHO NAMORADO

*Pobre velho! Estás perdido
Se nesse couro tão duro,
Pôde ainda fazer-te um furo
Uma seta de Cupido!
Desse mal acometido,
Remédio te não darão;
Que nessa idade a paixão,
Bem que assim te não pareça,
É moléstia da cabeça,
Que não sente o coração.*

Faustino Xavier de Novais

Um velho demente,
Mimoso ratão,
Fiado em Cupido,
Quis ser *Maganão*.

Janeiros sessenta,
Contava o patola,
Com rugas na cara,
Com ar de façola.

Gorducho e roliço,
Qual porco cacete;
Cabeça de coco,
Nariz de pivete.

De pança crescida,
Andar de garoto,
Franzindo sobrolho,
Olhar de maroto.

Cedendo à loucura,
Que dele zombava,
A barba e cabelo
Cuidoso pintava.

Brunia os sapatos,
O fato escovava;
Na destra grosseira
Bengala empunhava.
Se via à janela,
Mocinha dengosa;
De lindo semblante
E lábios de rosa:

Então, derretido,
O velho lapuz,
Saltava, gingava,
Qual jovem de truz.

Se a bela formosa,
Por mofa, sorria,
O pobre do *punga*
Alentos bebia.

Assim pretendia
Esposa encontrar,
Que a sua rabuge
Quisesse aturar

Eis chega-se o dia

De amor inspirado;
Enfeita-se o asno,
Assim preparado.

Da cara deidade
Trepando as escadas,
Com fúria de bravo,
Dá quatro palmadas!

Lá corre a criada,
Mulata faceira,
De porte agradável,
Nos modos brejeira;

E vendo o basbaque
A moda vestido,
Exclama, sorrindo:
– “Que lindo Cupido!.

“Bonita casaca,
“Colete bordado;
“Chapéu de patente,
“Cabelo *pintado*!...

“Vem tão bonitinho!...
“A quem quer falar?”
– “Co’ a dona da casa
“Desejo tratar.”

Escanc’ram-se as portas,
Lá entra o velhote,
De negra azeitona
Redondo ancorote.¹⁶

Eis chega a matrona,
Que a casa dirige;
Daquela visita,
A dona se aflige.

Também vem com ela
Formosa menina,
De louros cabelos
E face divina.

– “Que ordenas, pergunta,
“Ilustre *mancebo*?”
Estufa-se o lorpa,
Cupido de sebo!

Prepara a garganta,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

